

Baker ameaça América Latina no BID



Ortiz (E) diverge com Baker (D) sobre o poder de veto dos EUA na votação da diretoria do BID

Miami, EUA — O secretário de Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, advertiu os países da América Latina que pretendam solucionar "de um dia para outro o problema da dívida", que os investidores não arriscarão seus capitais em estados que "não cumpram suas obrigações".

A advertência de Baker ocorreu no mesmo dia em que o *Wall Street Journal*, citando banqueiros norte-americanos e até brasileiros, previu que o Brasil perderá cerca de 3 bilhões de dólares nos créditos comerciais de curto prazo, que vencem em 31 de março, se não houver uma solução até o fim do mês. O secretário, em seu discurso, não se refere diretamente ao Brasil.

Maior Poder

Baker advogou também em favor de que os Estados Unidos exerçam um maior controle na estrutura administrativa do BID e manifestou que se estava avançando no sentido de alcançar esse objetivo.

Em seu discurso na sessão inaugural da vigésima-oitava Assembleia Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Baker aparentemente refletiu o temor de que outros países do continente se sintam tentados a tomar medidas radicais para fazer face ao problema da dívida, como a suspensão de pagamentos ou outras semelhantes, devido às adotadas recentemente pelo Brasil e o Equador.

Assinalou que embora medidas desse tipo podem ser atrativas do ponto de vista político, "creio que farão mais mal do que bem, especialmente para os próprios devedores".

Baker frisou ainda que os Estados Unidos pretende desempenhar um papel de maior peso nas decisões que o BID adotar. "Acreditamos que os países que aportam a maior parte dos recursos com que conta o banco devem ter maior influência" na hora de tomar decisões.

Advertiu também que os Estados Unidos estão dispostos a continuar financiando os programas do BID, mas só se forem adotadas medidas mais rígidas no tocante à concessão de empréstimos.

Liberalização

A liberalização econômica da América Latina conduz ao desenvolvimento, alivia as dívidas e reforça a extraordinária ascensão da democracia por ser a liberdade indivisível, afirmou Baker.

Nossa estratégia repousa sobre o princípio de que se os devedores realizarem as reformas orientadas para o mercado que promoverão o crescimento, essas reformas devem ser apoiadas com financiamento da comunidade mundial, observou Baker.

Para Baker, as nações em desenvolvimento devem adotar reformas econômicas para estimular a poupança e o investimento, aumentar a concorrência, incrementar o comércio e os investimentos privados, além de reduzir impostos e tarifas.

Baker também advertiu que a América Latina hoje deve escolher entre um aumento substancial do capital do BID em troca de um maior controle do organismo multilateral por parte dos países industrializados, ou vê-lo continuar com um papel menor e fundos modestos.

Em contraste com o otimismo de Baker, o atual presidente do BID Antonio Ortiz Mena sustentou que o peso da dívida latino-americana, a baixa dos preços dos produtos primários e a falta de capitais ameçam o crescimento da região.

Baker, que há um ano vem lutando para obter um poder de veto no BID mediante mudança no sistema de votação, de maioria simples passaria para um outro baseado em 60 ou 65 por cento dos votos, insistiu em que os países industrializados membros devem ter maior poder no diretório do Banco, embora não tenha feito uma proposta específica.

Mas assinalou que, caso não seja possível, não apoiaria o aumento dos recursos do BID. Ortiz, por sua vez, afirmou que a sétima reposição de fundos do BID, de 25 a 27 bilhões de dólares, está atrasada há um ano por causa da ambição dos Estados Unidos.

Baker ofereceu um aumento de 75 por cento para o período de 1987-1990, ou 9 bilhões de dólares, como subscrição norte-americana para o capital do banco, o que possibilitaria ao BID conceder empréstimos de cerca de 5 bilhões ao ano durante os próximos 4 anos. Atualmente, o BID empresta cerca de 3 bilhões a cada 12 meses.

Segundo Baker, se a sétima reposição se fizer de acordo com os desejos de Washington, o BID poderia duplicar seu atual volume de empréstimos.

O secretário propôs que o BID adote um grande programa de empréstimos setoriais, do tipo que há alguns anos vem realizando o Banco Mundial. Atualmente, o BID só outorga fundos para projetos específicos.

Além disso, Baker sugeriu que o BID condicione os créditos às nações latino-americanas à adoção de reformas econômicas, o que pressupõe mudança de poder na instituição.

"Simplesmente acreditamos que uma maior influência deveria estar em mãos das partes que contribuem com a parte do leão nos recursos", enfatizou o secretário do Tesouro. Os Estados Unidos, recordou, contribuem com mais de 70 por cento dos recursos, porém dispõem da metade dessa porção no voto, 34,51 por cento.

Mesmo sem propor nada de específico, Baker disse que estava tendo progressos nas negociações com outros países membros. Sua afirmação poderia significar que estaria disposta a aceitar a fórmula proposta por países extra-regionais, especialmente Alemanha Ocidental e Japão, discretamente apoiadas por várias nações latino-americanas, que desejam a votação no diretório com base na maioria de 60 por cento.